

SILMARA GUSSO

**HISTÓRIA DA DANÇA:
PROCESSO EVOLUTIVO DA ARTE CORPORAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1997

SILMARA GUSSO

História da Dança: Processo Evolutivo da Arte Corporal

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADORA: Cristina C. C. de Medeiros

SUMÁRIO

RESUMO	iv
PROBLEMA	05
JUSTIFICATIVA	06
OBJETIVOS	08
I- O SIGNIFICADO DA DANÇA PARA O HOMEM	09
II- DOS PRIMORDIOS DA DANÇA À IDADE MÉDIA	11
III- O RENASCIMENTO DA DANÇA	18
IV- DANÇA MODERNA: A REVOLUÇÃO	24
V- A CRIATIVIDADE DE NOVAS FORMAS	32
METODOLOGIA	38
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

RESUMO

Sendo a dança uma das áreas de estudo da Educação Física e devendo ser investigada como as demais, percebeu-se a falta de conhecimento, por parte dos profissionais de Educação Física, à respeito de história e de sua importância como meio de expressão humana. O presente trabalho mostra a dança na humanidade, desde seu surgimento até este final de século XX, buscando relatar a visão do homem em relação à sua dança; as teorias que indicam os primeiros sinais da primeira forma humana da dança ; suas características e formas; as visões de alguns povos e a dança nas mudanças sociais e de pensamentos pelas quais a sociedade passou. Relata-se a criação das danças de corte, do balé, da dança moderna, dos estudos sobre o movimento, seus mestres, bailarinos e pensadores. Enfim, tudo que contribuiu para a criação da dança e de novas formas de dança, bem como, de sua ligação com a Educação Física, objetivando contribuir para o crescimento e desmistificação da dança na prática educacional do profissional de Educação Física e em sua prática de vida.

PROBLEMA

A dança é uma das áreas de estudo da Educação Física e deve ser investigada aprofundadamente em relação a sua origem, evolução, formas e objetivos. Infelizmente, muitos profissionais e acadêmicos de Educação Física, por falta de conhecimento, interesse ou oportunidade, não dão conta de perceber e buscar na história da dança a importância deste meio de expressão corporal.

Será que esse conhecimento não contribuiria para a desmistificação e desenvolvimento da dança na visão e na prática pedagógica do profissional de Educação Física?

JUSTIFICATIVA

Pesquisas antropológicas relatam que a dança foi uma das primeiras formas de expressão humana, unindo movimento, ritmo e emoção. E para não esquecer de seus feitos e para que fossem transmitidos a outras gerações, o homem vem produzindo literaturas sobre dança, suas formas, intenções, mestres que traduzem o pensamento de cada época ou período de seu desenvolvimento e que ajudam a compreender a dança na atualidade.

RAMOS (1988) escreve:

A história dos exercícios físicos, segundo nossa compreensão é escola de cultura e de educação. De maneira atraente e impregnada de beleza, ensina-nos a conhecer a humanidade, coisas e pessoas, entrosando-se nos diferentes aspectos políticos, sociais e militares da civilização, onde ocupa lugar definitivo e sugestivo. O conhecimento do passado é chave para compreensão do presente e do futuro.

Conhecer as passagens históricas da dança junto com a história do homem é imprescindível para aqueles que investigam, que se comprometem a trabalhar ou se beneficiam na prática profissional do movimento corporal e da expressão humana. Pois destas, retiramos subsídios para compreender a inclusão da dança como área da Educação Física e de sua significância para este homem que vive no final do segundo milênio, sua maneira de vê-la, transmiti-la e senti-la.

Num país como o Brasil, onde o sistema educacional e o incentivo a pesquisa científica estão cada vez mais desamparados pelo governo e instituições de ensino, se faz necessário levar a conhecimento que existem inúmeras maneiras de reverter esta

situação através de estudos como este que busca de maneira simples acrescentar algo na formação dos profissionais de Educação Física.

OBJETIVOS

- 1- Oportunizar aos professores e acadêmicos de Educação Física um contato com a sequência cronológica da evolução da dança e com os fatos significativos para sua compreensão.
- 2- Detectar a visão do homem em relação a dança.
- 3- Contribuir para o crescimento e desmistificação da dança na prática educacional e de vida.

I- O SIGNIFICADO DA DANÇA PARA O HOMEM

Inúmeros autores como, GARAUDY (1980), PORTINARI (1989), COSTA (1962), buscam através do saber escrito desvendar e relatar os possíveis significados da dança. Este entendimento se faz primordial para que as concepções que surgem de desinformação e preconceitos, não perpetuem algo disvirtuado da realidade.

Segundo COSTA (1962), “A dança propriamente dita é a arte que ensina regras para o movimento rítmico e expressivo do corpo humano, criado pelo desejo espontâneo de exprimir em geral o estado da nossa alma.” Então, por se tratar de uma arte, de movimento, de onde veio, quando surgiu para o homem? Essa pergunta quem pode tentar responder é PORTINARI (1989):

De todas as artes , a dança é a única que dispensa materiais e ferramentas, dependendo só do corpo. Por isso dizem-na a mais antiga, aquela que o ser humano carrega dentro de si desde tempos imemoriais. Antes de polir a pedra, construir abrigo, produzir utensílios, instrumentos e armas, o homem batia os pés e as mãos ritmicamente para aquecer e se comunicar.

A dança foi muito marcante na vida do homem primitivo, elas eram desenvolvidas de acordo com as sociedades e homens existentes e pelo seu significado. Isto perdura até nossos dias, onde na Índia algumas danças, por sua abordagem, a mulher despe-se para dançar, ao contrário da França, onde num determinado período histórico, cobre-se de rendas para adornar o corpo. Já no Quênia, a seita dos Mau-Mau que tem uma filosofia parecida com a da Ku Klux Klan americana, existente até hoje e cuja violência racista visa impedir a integração social do negro nos Estados Unidos, criou sua dança da morte , um rito para aterrorizar os habitantes deste país; vê-se que cada um possui sua forma, com sua concepção.

Antes mesmo de usar a linguagem oral, o homem criou movimentos para entrar em contato com seu semelhante, movimentos estes, que foram responsáveis pela sociabilização e desenvolvimento do homem primitivo e tinham inúmeros motivos: celebrar sua existência, para se comunicar, para o prazer e seu entendimento como ser. Talvez, aí tenha surgido a dança. Desde então a humanidade vem marcando seus feitos com esta forma de expressão. Dançou-se em memória aos mortos na Idade Média, em Woodstock, como em frente as ruínas do muro de Berlim, dança-se no carnaval, nas festas em geral e como diz Werner Lambersy (UNESCO,1996) “ as pessoas dançam para celebrar grandes ocasiões e expressar o prazer de estarem juntas.”

Nota-se por estas citações que a dança é fruto da necessidade do homem de expressar-se, mostrar e sentir seu corpo. Algumas danças buscam sentir uma emoção, um desejo e compreender um pensamento. Segundo GARAUDY (1980), “ a dança é para os povos e em todos os tempos a forma de expressar através de movimentos corporais as vivências do homem com a natureza, a sociedade, os deuses e o futuro.” Mas, como sugere MENDES (1987), “ definir a dança, porém, não é o que mais importa. Na verdade, ela vale pelo que é, pelo prazer que causa em quem a executa ou a assiste, desde que realizada dentro do espírito que lhe é específico.” E como expõe OSSONA (1988) é importante conhecer detalhadamente “o que o homem dançou em outras épocas, por que e para que, onde, como e para quem, qual a sua dança atual nos distintos pontos do nosso planeta.”

Talvez por esses motivos expostos e pelos que virão no decorrer deste texto, busca-se compreender a dança, seu benefício à nível social, emocional, de acervo motor, de flexibilidade e agilidade enfim, seu valor físico e que levam a sua integração com a Educação Física, se faz necessário para entender um pouco a mais esta formidável e complexa criatura que é o ser humano.

II DOS PRIMÓRDIOS DA DANÇA À IDADE MÉDIA

Existem inúmeras controvérsias a respeito do primeiro registro de dança feito pelo homem. BOUCIER (1987) acredita que já existia uma cerimônia de dança na pré-história, segundo ele “ na gruta de Perch-Merle, há dezenas de milhares de anos, as mulheres vinham dançar para obter maior fecundidade.” Este registro tem cerca de 14000 anos. PORTINARI (1989) diz: “A mais antiga imagem da dança data do Período Mesolítico (cerca de 8.300a.c). Foi descoberto na caverna de Cogul, na província da Lérida, Espanha. Mostra nove mulheres em torno de um homem despido, indicando ritual de fertilidade.” Acredita-se que destes rituais de fertilidade tenha nascido a dança do ventre, que hoje está ressurgindo como forma de dança, principalmente no Ocidente.

MENDES (1987) apresenta outra versão do primeiro registro, para ela “ os primeiros registros de atividade dançante datam do Período Paleolítico Superior; quando os homens viviam em pequenas hordas, cultivando um primitivo individualismo, apenas preocupados em coletar alimentos.” O que parece ficar evidenciado é que a dança já está impregnada na sociedade e no homem a muito tempo.

Acredita-se que várias razões levavam o homem primitivo a dança, para comunicar-se, celebrando a natureza, as lutas, como forma de cultuar seu físico, ligada a algum tipo de ritual religioso, em cerimônias sagradas, implorando por chuva, fogo, fecundidade, vida, morte, colheita, felicidade, saúde...

O homem primitivo vivia em função do ataque e da defesa, subentende-se caça, segundo BOUCIER (1987) a dança era justamente voltada para os animais, “na Gruta de Gabillou (Dordonha), está gravada uma representação do ancestral dos bailarinos que

data de 12.000 a.c., numa espécie de salto.” O que leva a entender que o homem se utilizava de saltos para caçar e para dançar.

Atualmente alguns pesquisadores israelenses estão procurando desvendar o passado, acreditando que uma espécie de dança iniciou a prática de atividades físicas e desportivas.

Segundo LIFAR citado por MASSON (1988), “a arte primitiva é sobretudo feita de gritos roucos e de danças ritmadas, que são acompanhadas de palmas, de pés, de tambores, de castanholas, batidas de calcanhares.” Acredita-se que nessas danças os homens dançavam nus, nota-se a ligação da dança com a necessidade de expressão ao se observar a união de diferentes movimentos corporais e sons. A mais antiga representação de grupo data do Período Mesolítico (8.000a.c), na gruta de Addaura, onde um grupo de sete homens nus dançam ao redor de outros dois (BOUCIER,1987).

Tem-se relatos de que no Egito Antigo a dança tinha caráter sagrado. PORTINARI (1989) comenta que sua invenção era atribuída a Bes, um anão gordo , que favorecia o parto rápido e pela deusa-mãe Harthor representada por uma vaca; dançavam a Ossíres, que acreditavam ter ensinado a agricultura ao homem. Os hieróglifos deixados, mostram que a dança egípcia era severa, com movimentos acrobáticos e saltos, embora vinculada a cultos, era divertimento para a aristocracia. BOUCIER (1987) nos dá alguns exemplos como a dança do Deus Luqsor, onde dançarinas o acolhiam quase nuas; a dança anual da primavera e outras, via-se nestas danças joelhos flexionados, movimentos acrobáticos principalmente a ponte, movimento de apoio dorsal com as mãos e pés apoiados no solo e com o tronco e membros inferiores formando um arco. A dança egípcia possuía muitos dos movimentos hoje utilizados em desportos como a Ginástica Olímpica.

Sobre os hebreus, sabe-se que dançavam, mas eram proibidos de representar em seus escritos figuras de seres vivos. Foi o único povo antigo que não transformou a dança em arte, seus principais registros podem ser vistos na Bíblia. Segundo BOUCIER (1987) Moisés ao descer o monte Sinai encontra o povo dançando em torno do Bezerro de Ouro, tinham giros e saltos como movimentos. Era a dança com significado religioso e de fé.

Dos gregos sabemos que dançavam em honra a seus inúmeros deuses e foi a civilização que mais deixou referencial para estudos. Os gregos tornaram a dança acessível a todos os cidadãos, seja por intermédio de rituais religiosos, da educação, do divertimento ou da vida diária. Para BOUCIER (1987) “ A dança grega originou-se em Creta”, “afrescos em cromos mostram dançarinas girando sobre si mesmas, ora com joelhos flexionadas , ora saltando”, usando inúmeros movimentos ginásticos “ dança para os gregos era de essência religiosa, dom dos imortais e meio de comunicação com eles.”

Vemos nos textos sobre os gregos que os filósofos e pensadores da época tinham uma opinião formada a respeito da dança, para Sócrates ela formava o cidadão completo, era fonte de saúde; já para Platão ela deveria estar presente na educação, e estava.

PORTINARI (1989) diz que a dança para os gregos tinha “sua invenção era atribuída a titã Réia, mulher de Cromos, sinistro devorador da prole”. Réia, mãe de Zeus teria sapateado para esconder o choro do filho, salvando-o do canibalismo paterno. Nota-se a importância dos deuses na vida dos gregos, que chegavam até a dançar diante de suas estátuas. AZEVEDO (196?) comenta que “dançava-se na Grécia, por toda parte, e havia grande variedade de danças”. Talvez a dança que mais caracterize-a é a dança dionisíaca. DANTAS (1994) esclarece que “Dionísio era o deus da fertilidade e da fecundidade, mas

também era o deus do vinho, da embriaguez, do êxtase, do impulso inconsciente”. Esta dança significava alegria, diversão, era executada principalmente por mulheres e segundo o mesmo autor, “parece que as danças dionisiacas aconteciam de forma bastante livre e improvisada.” Seu apogeu foi em meio a uma mudança social, da sociedade patriarcal para algo mais complexo, talvez fosse uma maneira de se identificar e parecer com os deuses. Eram movimentos de saltos, joelhos fletidos, braços estendidos...

BOUCIER (1987) nos diz que os Espartanos, outra civilização antiga, tinha na dança um caráter militarista, essencialmente para a educação e com fundo religioso. É interessante notar que quando lê-se obras de história da Educação Física, pouco se fala das danças, principalmente a dos povos antigos, vê-se apenas o lado esportivo da atividade corporal, mesmo que as danças estivessem impregnadas na vida cotidiana, social e educacional destes povos. Segundo MENDES (1987) “somente com o declínio da cultura grega é que a dança começou a perder respeitabilidade, passando a ser mero entretenimento e, finalmente, a ser executada só por escravas orientais.”

Já a dança romana é marcadamente influenciada pelas formas orientais, etruscas e gregas. As danças dionisiacas se tornaram bacanais, em homenagem a Baco (Dionísio romano). Foi em Roma que a dança alcançou seu maior declínio a nível de prestígio popular. Segundo PORTINARI (1989) sua primeira instituição dançante data do reinado de Numa Pompílio (715-673a.c) mas, parece que os romanos preferiam ver as lutas selvagens á dança. Era importante apenas para os patrícios que mandavam seus filhos e filhas às escolas, devido a influência grega. No período dos reis (séc.VIII à VI a.c), nos colégios, dançava-se nos altares e cantava-se hinos salianos, era o início do academicismo, mas esquece-se o sentido religioso no período da República, vindo daí o surgimento dos

baçanais, pura recreação. Já no período do Império, as classes altas se divertiam com a pantomina, uma mistura de teatro e dança, era o início da profissionalização dos dançarinos.

Outro local onde a dança possuía prestígio na sociedade eram as cortes imperiais da China antiga. Confúcio fazia com que todos cumprissem antigos ritos dos quais a dança fazia parte (PORTINARI, 1989). Dançava-se nas colheitas, casamentos e aos deuses chineses. PORTINARI (1989) nos dá um exemplo com dança que era em homenagem à Tsao-Chen, deus da comida, e era executada por mulheres carregando tigelas de arroz.

No Japão, segundo preceitos do xintoísmo a dança surgiu com Amaterasu Omikani (deusa do sol), como explica PORTINARI (1989) a deusa escondeu-se em uma caverna depois de uma briga com o irmão, com isso os demais deuses ficaram no escuro e no frio, e para chamar a atenção da deusa, começaram a dançar em frente a caverna, ela ficou curiosa e saiu do esconderijo, riu do ocorrido e o sol voltou a brilhar. Estes fatos, lendas e crenças ilustram de uma maneira peculiar o surgimento da dança nesta civilização. Dentro das danças japonesas antigas podemos destacar três tipos, a Odori (popular), a Nô e a Kabuki. PORTINARI (1989) descreve estes três gêneros da seguinte maneira: “estilo Odori integravam festas como a do plantio de arroz, a que invocava o espírito das chuvas, a da floração das cerejeiras...” Eram danças populares, mistas, onde homens e mulheres participavam, ilustravam a ligação deste povo com suas crenças, normas, lendas... “Nô é a dança expressiva, executada por homens mascarados aos quais também cabe a interpretação de papéis femininos. Trata-se de um espetáculo austero, de fundo religioso”. Percebe-se que desde a antiguidade os homens faziam parte dos movimentos dançados, tendo em algumas civilizações mais importância que as mulheres, não haviam estereótipos e preconceitos que deixassem o homem pouco a vontade para dançar ou se dedicar a esta arte. “O gênero

Kabuki surgiu no século XVII como um divertimento para ricos comerciantes cujo poder rivalizava com o da nobreza”. Foi domínio dos homens, e até hoje este gênero é interpretado exclusivamente por homens.

Sem dúvida para muitos autores o período que mais marcou de maneira negativa a evolução da dança foi a Idade Média, com a visão de corpo criada pelo cristianismo no início do século III, que considerava o corpo um empecílio para a alma “ir para o céu”, pois nas concepções religiosas o corpo era o gerador de pecados e de pensamentos impuros, era o que impedia o homem de ser perfeito, com as guerras, com a mudança econômica de vida, a dança foi considerada obscena. Foi um dos períodos de perseguições aos dançarinos, de morte, as únicas danças permitidas eram aquelas que falassem do senhor, que o louvassem, mesmo assim, algumas pessoas se reuniam ilegalmente em reuniões perigosas para suas vidas para desfrutarem do prazer de dançar. Segundo PORTINARI (1989) ,

As trevas predominavam nos primeiros séculos durante os quais a paz romana ruiu sob o impacto das invasões e guerras contínuas. As cidades se despovoaram, o medo e a ignorância reinaram, e o legado cultural greco-romano tornou-se privilégio de uns poucos letrados que o reinterpretavam segundo o código cristão.

Um outro fato comentado pela autora revela que mesmo com todas as proibições, com a piora da qualidade de vida, e com o surgimento de inúmeras pestes e doenças a dança continuava presente nos hábitos de vida destas pessoas, pois entre os séculos XI e XII, ocorreu a “dançamania”. O desespero das epidemias como a peste negra levou as pessoas a dançarem expressando o pavor pela morte, na Itália ele seria chamado Tarantismo, pois acreditava-se que as pessoas picadas pela aranha tarântula , ao

transpirarem com a dança eliminariam o veneno e assim com o risco de morte. Mais uma vez evidencia-se a relação homem/dança na história da humanidade.

Ao analisar este período AZEVEDO (196?) diz: “Nessa atmosfera de vida religiosa e mítica, são suspeitos os cuidados com o corpo... Entram em decadência por conseguinte, a dança, as atividades atléticas e os jogos” o que significou muito para a Educação Física mais tarde em relação ao seu desenvolvimento. O corpo era totalmente combatido em favor da educação religiosa e de uma sociedade estratificada, onde a nobreza e o clero (igreja) dominam a burguesia, os camponeses e os servos.

Para ZOTOVICI (1995) “sobreviveram apenas as danças macabras, danças de morte e contra a morte e as danças camponesas”. Isto devido as proibições e temores da época, a explicação da sobrevivência da dança camponesa talvez seja explicada por OSSONA (1988) que diz “ a dança foi proibida em palácios, templos e praças públicas, tendo buscado refugio nas aldeias”. Nesta época eram imitados os movimentos dos trabalhadores do campo.

Segundo MENDES (1987) “A dança permanecia como atividade recreativa, não profissionalizada, entre a nobreza, corte e as camadas populares”. Isto ocorreu somente no final da Idade Média, quando passou-se a ter um pouco mais de tolerância por parte da igreja.

Começava um processo de mudanças, onde o pensamento dualista cristão começou a mudar, a dança começaria a sair dos guetos e se transportar para a sociedade mais conservadora. Era o renascimento cultural, antes dele, a dança e as atividades físicas estavam condenadas ao imoral, a despurificação da alma. Agora, estava mais a mostra, a exposição e ao alcance de todos.

III -O RENASCIMENTO DA DANÇA

O renascimento da dança iniciou-se na Itália no século XV, a dança passou dos esconderijos, para as praças e para as cortes e salões, pois com o acúmulo de capital proveniente das navegações, com o crescimento repentino das cidades as cortes transformaram-se, apareceu uma nova classe social, a burguesia possuidora de muitos bens, às vezes mais que os nobres da corte e que com tantos recursos incentivou a arte de maneira geral, mas a nobreza não queriam mais a “mistura”. Sua dança deveria ser diferente daquela praticada pela população em geral, apesar de se observar que houve grande influência das danças das trupes.

A nobreza necessitava mostrar sua riqueza e ostentá-la, e uma ótima forma de se fazer isto era através dos bailes e das danças de corte, além de possuírem muito tempo para dançar e se entreter. Segundo DANTAS (1994) “não existindo mais enquanto atividade religiosa, a dança sobreviveu como atividade lúdica, como atividade de prazer e divertimento”. Foi esse pensamento que permitiu o renascimento não só da dança mas, de todas as artes. Surgia um grupo de idéias que iam de encontro a cultura religiosa do período, era uma nova concepção corporal, onde o corpo já não era mais um impedimento tão grande para a libertação da alma, concepção esta voltada, para os conhecimentos e informações da cultura greco-romana.

Para PORTINARI (1989) as danças mudaram, pois absorvidas pelas classes dominantes adaptaram-se à recintos fechados, com indumentárias pesadas, e de acordo com o que se considerava mais refinado e correto para a época. Era o início de uma prática que marcaria a dança até os tempos modernos. Foram destas adaptações ocorridas na dança que surgiu a necessidade de se codificar a dança, para que os nobres tivessem acesso

a esses movimentos e para que não fossem esquecidos ou transmitidos de maneira incorreta. “A espontaneidade inicial é submetida assim por floreio nos passos, postura educada e movimentação codificada”(PORTINARI,1989). Era o chamado Balé da Corte, que teve seu auge de 1570 à 1680.

Segundo PORTINARI (1989) “durante o Renascimento, quase todos os mestres de dança eram de origem judaica. Viviam em áreas separadas, os guetos, cultivando suas tradições e apenas tolerados, quando não violentamente perseguidos pela Inquisição”.Cabia aos mestres ensinar os passos que ficariam sequenciais e por criar outros.

Da Itália, onde foi inicialmente estruturada, a dança de corte encaminhou-se e fixou-se na França, a grande precursora foi Catarina de Medicis, que era casada com o então príncipe da França Henrique II, e que levou a dança da corte italiana para a França de onde encaminhou-se para outros países do mundo, através de muita divulgação nos outros países, isto foi no decorrer da era barroca. Para BOUCIER (1987), desde o século XII a dança metrificada havia se separado na França da dança popular, surge o “profissionalismo” de dançarinos e mestres. Para distinguir-se a dança popular da aristocrática, cria-se o “balletto”, divertimento para os que executavam e para os que assistiam. A dança fazia parte das festas da corte, que podiam durar até três dias.

BOUCIER (1987), MENDES (1987) e PORTINARI (1989) são unânimes em dizer que os balés da corte eram totalmente dançados pelos nobres e para CANTON (1994) alguns nobres não conseguiam dançar apesar de ser praticada como divertimento da realeza e como símbolo de status, isto fez com que evoluisse para um sistema que acabou por exigir de seus praticantes um treinamento formal mais refinado. Em 1581, segundo BOUCIER (1987) o rei Henrique III, aficionado por balés permitiu que criassem o primeiro balé, então na forma misturada de dança, drama, música... era “ O Balé Cômico

da Rainha”. A partir de então, os mestres que criavam os passos, os escreviam em tratados e manuais, foi assim que em 1661 o italiano Baltasarini di Belgioso aperfeiçoou o sistema em de hors (para fora), que indica que as pernas movem-se para o exterior, como exemplo a primeira posição, onde os calcanhares ficam unidos e os pés voltados para fora, como se fossem os ponteiros de um relógio marcando dez para as duas. Porém, antes disso, houve a publicação do primeiro manual da dança durante o século XVI, foi o Orchesografie, escrito por um abade chamado Arbeau, que educava seus alunos através da dança, escrito na forma de diálogos era na realidade um manual de boas maneiras com a descrição de inúmeras danças.

Para DANTAS (1994), a técnica do balé foi desenvolvida de acordo com os princípios cartesianos: separação entre corpo e mente, fragmentação do corpo humano em segmentos independentes. Os balés tinham temas e eram relacionados a mitologia greco-romana. Surgiram inúmeras danças de salão. Foi no início do século XVI que criaram -se o minueto, a valsa, a mazurca, a pavana, a gavota entre outras danças de corte.

As danças eram normalmente aos pares e a colocação de seus lugares na dança era de acordo com sua importância na corte, se algum cortesão erra-se um movimento ou estivesse fora do ritmo, era zombado por todos e excluído temporariamente da convivência social. Na corte a vida social era a vida, não havia trabalho para a nobreza e a dança era o social.

Na França, a dança foi impulsionada pelo Rei Luís XIV, que amava a dança chegando a colocá-la como requisito para a entrada e permanência na corte. Ele criou inúmeros “balletos”, sempre é claro o colocando em destaque. Luís XIV era considerado o Rei Sol, apelido oriundo do Balé de La Nuit que representou aos 14 anos, no qual fazia o papel de Rei Sol, que derrotava as trevas, papel que o marcou durante toda sua vida, ele

transformou a dança em uma arma de estado, através dela dominava a corte. No seu reinado, criou em 1661 a Academie Royale de La Danse e em 1669 a Academie Royale de Musique que se tornaria no futuro a Ópera de Paris (PORTINARI, 1989).

O minueto, por exemplo, era uma dança popular alegre, que apareceu no século XVII e segundo GIFFONI (1974) “seu nome provém dos passos curtos, apertados, miúdos, com marchas de lado, saudações e movimentos de braços.” Foi executada pela primeira vez em 1653 na corte de Luís XIV, era mais cavalheiresca, cortês e cerimoniosa do que a dançada pelos aldeões.

Já a Pavana é uma antiga dança espanhola, segundo GIFFONI (1974) “muito em voga no século XVI, embora supondo-se já conhecida no século XIII” e que para alguns autores teria nascido na Itália indo depois para a Espanha, mas há controvérsias. Era uma dança extremamente pomposa e cheia de solenidade.

A maioria dos passos das danças da corte eram destinados aos homens, ficando a mulher em papel secundário, e estas danças só se aprendiam nas cortes. Devido a complexidade cada vez maior dos passos, a dança foi se elitizando e passou a ser apenas um espetáculo e para tal subiu aos palcos. O século XVII foi o período grande do Balé, foi onde ocorreu definitivamente a sistematização, em um espetáculo de 1681, uma mulher pisa no palco de um teatro, é o início da profissionalização do bailarino e da ascensão da mulher na dança. Para MENDES (1987) “Era o início da revolução no vestuário das dançarinas”. La Salle, uma bailarina da época, teria usado malhas azuis no período da Revolução Francesa. “Depois de ter abandonado as pesadas saias, soltou os cabelos e moldou o corpo com véus”(MENDES, 1987). Era a volta da dança com seu significado de prazer, movimento livre. Com essa revolução, o vestuário solto, permitiu-se que criassem inúmeros

movimentos, como a **piroette, rond de jambes...** definem-se posições de pés, de braços, estuda-se o espaço.

É a chegada do Romantismo (1789 à 1848) período entre a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Vindo da Alemanha e que se propagaria para a França e para o mundo, expressando-se através dos contos de fadas, do romance, das óperas e das grandes montagens de balés. Era o início do uso das sapatilhas de pontas com Maria Taglioni, uma italiana nascida em 1805, que também popularizou o uso do tutu, do corpete e da malha e Fanny Essler, nascida em 1818, que encantou por sua leveza, foram as grandes intérpretes do período.

A sociedade burguesa, surgida após 1789, possibilitou o surgimento do Romantismo, dos contos de fadas nos balés. Os contos de fadas não são fatos reais, são adaptações de histórias orais e escritas. Segundo CANTON (1994), “a transformação de textos literários em obras de balé foi influenciada pelas condições sócio-históricas e estéticas”. Autores como Charles Perrault (Chapeuzinho Vermelho, Barba Azul) escreveram segundo a visão e códigos do reinado de Luís XIV, as obras de Perrault foram feitas para discriminar noções que deveriam regular o comportamento das crianças e homogeneizar seus valores. Isto foi transportado para as obras de Balé como as criadas por Marius Petipa no final do século XIX. A Bela Adormecida (1840), segundo CANTON (1994) teria como objetivo deleitar e expressar os instrumentos do poder, deveria assegurar que a corte de Romanov era tão estável e poderosa quando aquela do balé. Criou-se também Quebra-Nozes (1892), Barba Azul (1892), Cinderela (1893) entre outros (CANTON,1994).

Estas estórias de fadas e bruxas, de reis e rainhas começaram a cansar o público, sendo que foi somente na Rússia que este gênero fixou-se, permanecendo até hoje

pois, foi lá que ocorreu o grande desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica do balé. Estes espetáculos deleitavam a aristocracia russa e permitiu que grandes nomes da dança surgissem como Anna Pavlova, Diaghilev, Fokine, Nijinsky... Era a total consolidação do balé, de seus movimentos, formas e técnicas.

Diaghilev, nascido em 1872, foi o criador dos Balés Russos (MENDES, 1987). Foi um grande empresário, trabalhando nas criações e execuções dos balés, ele descobriu grandes bailarinos e os moldava como fez com Vaslav Nijinski, considerado o maior bailarino do século que morreu em 1949 num sanatório esquecido pelo mundo (CORREIO DA UNESCO, 1996). Nascido na Polônia, mas radicado na França, Nijinski usava técnicas amplas pois, achava que deveria representar o mínimo possível e sentir o máximo possível (CORREIO DA UNESCO, 1996). Seu maior sucesso foi A Sagração da Primavera, apresentada em maio de 1913, em Paris. “Nijinski não queria mais o balé-espetáculo, queria ligar o público a uma realidade que estava nascendo, ao jogo da vida interior e do salto para o absoluto” (CORREIO DA UNESCO, 1996).

Porém, a Revolução Industrial de 1848-1849 consolidou o poder da burguesia, uma sociedade que não tinha mais necessidade de balés românticos, bastante realista. Ao terminar o século, novas tendências surgiram, novos bailarinos e uma nova visão que se opunha de certa maneira aos preceitos do balé.

IV -DANÇA MODERNA : A REVOLUÇÃO

O termo “dança moderna” foi usado pela primeira vez em 1926, para qualificar os trabalhos de Martha Graham (FAHLBUSCH,1990).

Segundo PORTINARI (1989) “como todo movimento artístico importante, a dança moderna também começou pela contestação, ou seja, pela rejeição do rigor acadêmico e dos artificios do balé”, não que se tenha negado totalmente esta forma de dança. A Revolução Industrial que ocorreu no final do século XIX e a mecanização do movimento humano decorrente deste feito permitiu que se repensasse a forma dos movimentos da dança, eram novas exigências, novos pensamentos, um potencial que surgia. GARAUDY (1980) esclarece “desde o início do século XX que os homens vivem num mundo de máquinas”. “Contrariamente a dança romântica do século XIX, que era evasão da sociedade industrial, a dança moderna não tentou escapar do caos, mas enfrentou-o para criar uma ordem humana”. Era a possibilidade de enfrentar algo e o expressar através da dança. É importante, portanto, conhecer-se os pioneiros, os grandes mestres, que com suas ações e ideais, acrescentaram e questionaram a real existência da dança como meio de vida.

O significado da dança moderna é abrangente, ela relata a atualidade, é uma parcela e o início da dança contemporânea de nossa época. Para melhor entendê-la se faz necessário conhecer seus precursores.

Jean Jacques Noverre era um professor francês de balé e segundo LABAN (1990) “ Noverre foi o primeiro a descobrir que tanto as danças campestres como as diversões da realeza eram inadequadas para o homem dos centros industriais que estavam surgindo”. Observando isto, François Delsarte, um francês nascido em 1811, criou seu estilo, alternava movimentos de contração e relaxamento, partindo da posição fetal até a

extensão máxima e a libertação da emotividade, que seria o belo, o inverso seria o feio, o triste. Para FAHLBUCHS (1990) Delsarte desenvolveu estudos de uma ciência que influenciaria a evolução da dança, com as leis da expressão corporal, do tronco como fonte de expressão, a contração e o relaxamento, a lei da velocidade, da elevação, segundo ele “nada é mais terrível que um gesto sem significado”. Os estudos de Delsarte foram mais tarde base para os trabalhos de Ted Shawn, outro profissional da dança.

Isadora Duncan, uma jovem americana nascida em 1878, foi talvez a mais marcante pioneira da dança moderna, ela buscou nos fenômenos naturais, nas ondas, no vento, nas nuvens, inspiração para suas coreografias, rompendo com os movimentos vistos tradicionalmente. ZOTOVICI (1995) menciona: “Isadora foi a primeira bailarina que ousou dançar Bach, Chopin e Beethoven cujas músicas falam de religião, morte paixão e heroísmo”. “ Para isso buscou inspiração na Grécia Antiga tomando como modelo as esculturas e vasos gregos, tratou de reconstruir as formas de dança de 2000 anos atrás” (LABAN,1990). Isadora fundamentava sua técnica nestas pinturas e formatos, não para copiá-los, mas para aprender a olhar a natureza, e foi a partir destas que observou a inexistência de pontas nos pés, começando a protestar contra o uso das sapatilhas de ponta pois, considerava os pés tão expressivos quanto as mãos. A única função de sua dança era exprimir os sentimentos e emoções da humanidade.

Emile Jacques Dalcroze, um suíço, foi o criador da rítmica, estabelecendo uma relação entre corpo e som, “tendo criado um sistema que chamou de eurritmia ou ginástica rítmica, tradução mecânica do ritmo da música através do corpo, que o tornou célebre no mundo inteiro” (MENDES, 1987).

Outro nome é o de Rodolf Von Laban, nascido em 1879 e falecido em 1958 (SORELL, 1992), realizou inúmeros estudos através da dança moderna, para ele a dança

podia despertar a consciência da vida, um movimento despertaria o caráter de quem o realiza, o fim pretendido, os conflitos existentes. LABAN (1990) distingue dois tipos de movimentos os que partem do centro do corpo (tronco) e vão para a periferia e os movimentos centrífugos que fazem o contrário. Desenvolveu uma teoria baseada em seis impulsos do corpo, para o alto e para frente, para baixo e para trás, cruzado, aberto e as diagonais abertas e fechadas. Contribuiu com a técnica do icosaedro, para LABAN (1978) “na dança moderna, quer dizer, na forma contemporânea da arte da dança, não se estabelece uma composição à partir de um conjunto fixo de movimentos ou passos, mas as concepções de elementos do espaço e de elementos de esforço são um guia para se formularem as ações corporais”. Para ele a dança jamais será descrita em palavras.

Outros inovadores foram Ruth Saint Denis e Ted Shawn, que iniciaram seus trabalhos nos Estados Unidos. Em 1915 fundaram a escola Denishawn, que foi centro de inovações e de criação. Ruth Saint Denis, 1879/1968 (SORELL,1992), acreditava que a dança era um ato religioso, separada do mundo material, nas suas composições visualizava que cada dançarino deveria seguir um instrumento da música. Ao escrever sobre Ruth, BOUCIER (1987) diz: “ Para Ruth Saint Denis, a origem e a justificativa da dança estão na religião ou, mais exatamente, na emoção religiosa, seja a religião alusiva, referente aos mitos do Egito ou Índia, ou de inspiração cristã.” Segundo PORTINARI (1989) Ruth Saint Denis admitia o uso da técnica clássica desde que fosse executada descalço, está era a inspiração da mitologia oriental. Ted Shawn, seu marido (1891/1972) tinha uma visão um pouco diferente e mais alusiva a Educação Física, para ele a dança deveria estar no centro da educação, sendo raiz da cultura, e que a verdadeira educação deveria formar um movimento, um corpo preparado para agir com facilidade e prazer as dificuldades da vida, abolia a divisão corpo/mente. Segundo FAHLBUCH (1990) em 1924 teria dançado nu o

solo “Morte de Adônis” mostrando a virilidade masculina na dança, tendo em 1930 montado um grupo só de homens, tratando sempre de temas americanos. GARAUDY (1980) comenta sobre os estudos que Ted Shawn fez sobre a obra de Delsarte, sobre o princípio da correspondência “a toda função espiritual corresponde uma função do corpo e a toda grande função do corpo corresponde um ato espiritual” e sobre o princípio da Trindade, a unidade vida, espírito e alma. O interessante é que são temas extremamente estudados e discutidos na Educação Física, mas é difícil ver situações dos estudos de Ted Shawn ou Delsarte, principalmente nas discussões sobre corporalidade feita por estudiosos da Educação Física.

Com a técnica de Ted Shawn, a dança saiu dos membros inferiores e foi para o tronco. GARAUDY (1980) explica que o uso consciente e voluntário, controlado do ritmo, da alternância tensão e extensão, baseada nas leis de Delsarte, trouxe o conhecimento do valor do peso, da relação com a terra...

Da escola formada por Ruth Saint Denis e Ted Shawn, a Denishawn, saíram grandes e novos pensadores da dança moderna, como Martha Graham que se opôs a Isadora Duncan, ela dizia que não queria ser uma árvore, uma onda, mas sim um ser humano motivado, disciplinado e concentrado, queria dançar os problemas de seu século, onde a máquina perturbava o gesto humano, onde as guerras marcaram o homem com violência e sangue. Segundo GARAUDY (1980) ela estudou cinco princípios, o ato de respirar, a intensificação do dinamismo do ato, a relação com o chão, a totalidade e a criação poética. Saindo da Denishawn por estar saturada de dançar o místico, interpretou papéis como Medéia, Joana D'arc, Jocasta...Retratava para GARAUDY (1980) a angústia e a revolta com movimentos espasmódicos, violentos e impulsos bruscos. Essa era sua visão da época, eram os sentimentos que ela observava da humanidade e que ainda hoje podemos

observar como a violência, as drogas, a pobreza a revolta, mostrando que o indivíduo não deve ficar passivo frente ao mundo que o rodeia.

Mary Wigman, uma alemã (1886-1973) expressava em sua dança o trágico, o demoníaco, o feio, relatando sua visão de vida e praticamente não usava música. Segundo FAHLBUSCH (1990) ela considerava a respiração a fonte para os seus movimentos. ZOTOVICI (1995) diz: “ Mary Wigman estudou dança com Rudolf Laban aprendendo a analisar os movimentos que o homem pode realizar, sendo que o movimento é a relação imediata entre o homem e o meio ameaçador no qual ele contesta”. Eis aqui uma descrição do significado do movimento que deveria ser analisado pela educação física, a relação movimento-meio.

Doris Humphrey (1895-1958) observou o movimento segundo sua queda, seu antagonismo em vencer esta queda (Teoria do Cair e Levantar). ZOTOVICI (1995) escreve “ para Doris Humphrey o ritmo fundamental é o ritmo motor, assim como para Mary Wigman é o emocional e para Martha Graham é o respiratório”. Eis aqui uma contradição pois segundo FAHLBUSCH (1990) Mary Wigman é que considera a respiração como fonte e Martha Graham a emoção. Na dança de Doris a música deveria estar em oposição ao movimento e estes deveriam ser assimétricos e rápidos.

Por volta dos anos 50, inicia-se como diz GARAUDY (1980) “uma nova dança a inversão, caracterizada pela recusa dos fins e dos meios da dança moderna”, rejeitando com isso o dramático, não existia significado nos movimentos, era o mundo pós II Guerra Mundial.

Como destaques deste período temos Merce Cunningham (1919-...) com uma técnica forte, rítmica, com transferências de peso e mudanças bruscas de direção.

Segundo FAHALBUSCH (1990) é o responsável pela coreografia de movimentos não dançantes.

Outro nome é Alwin Nikolais (1912-...) , na obra Dentro da Dança de Murray Louis, este refere-se a Alwin como a geração do pós- guerra que produziu um abalo ao firmar a dança como arte do movimento e não como uma forma de narrativa, era a desvinculação da dança de um conteúdo, como esta escrito nesta obra, Nikolais disse “Quem consegue aplicar as faculdades dos sentidos à sensação do movimento, dança.”

Já Maurice Bejart criou a chamada dança prospectiva, é uma fusão do clássico com o moderno e o tema principal de sua obra é a libertação do tempo. GARAUDY (1980) é um dos autores que mais cita Bejart, segundo ele, “ Bejart capta, nas mutações da história, o fermento das grandes renovações artísticas e faz de sua arte um agente ativo da emergência do novo homem, capaz de construir essa história”. Ele busca inventar o futuro, com relação ao passado e a mistura com teatro. Para CANTON (1994) Bejart elevou a dança a um nível ritualístico e transformou-a em arte popular. Bejart criou o balé do século XX, trabalhando agora em Lausanne com o “Bejart Ballet Lausanne”, um grupo que até hoje mostra ao mundo as idéias deste artista, sua obra mais conhecida é o Bolero, criado apartir da música de Ravel. Para ele a dança não deve ser mais elitista, ela é um meio de união. Segundo Bejart em UNESCO (1996) “ A dança moderna é o fim de um esteticismo artificial, aplicado do exterior. Ao mesmo tempo em que mantem a exigência técnica, procura ser cada vez mais expressionista, mais energética. O torso fica nu como uma vela desfraldada; o olhar ganha mais intensidade; os braços, também nus, sugerem melhor o impulso do corpo. A dança clássica ocultava o corpo sob tules e bordados. Hoje, a carne se revela; glorifica as pulsões, as paixões, que outrora escandalizariam.”

Para Bejart as discotecas de hoje são um substituto, o homem sente falta da dança, mas ela não existe mais como ritual. “Privado da dança, o ser humano perde uma certa dimensão de sua presença no mundo”(UNESCO,1996). Bejart vê a dança como um meio de libertação das forças naturais, de sentir o corpo que se tornou vazio,diz “trabalho pela unidade desse ser humano dilacerado porque sua alma, seu corpo e seu espírito jamais têm tempo de se unir”(UNESCO, 1996).

Para LABAN (1978) “os dançarinos modernos e os entusiastas da dança moderna vêm nestas evoluções no espaço o mensageiro de idéias e emoções que ultrapassam os pensamentos passíveis de serem expressos em palavras.”

A dança moderna se desenvolveu em oposição e reação ao clássico, marcada por coreografias alemãs e americanas, ela defende uma relação mais concreta com o mundo. Os contos usados no balé romântico ressurgem na dança moderna só que como crítica. Segundo CANTON (1994) a dança marcada por mitos que ocorrem quando um certo objeto ou evento é esvaziado de seus aspectos morais, culturais, sociais e estéticos, apresentando algo neutro ou natural a época.

No Brasil, o destaque fica com Hehenita Sá Earp, que manifestava sua dança através do físico, mental e emocional, codificando-a em oito posições fundamentais baseadas na relação quadril-perna. (FAHLBUSCH,1990).

A dança moderna poderia ser classificada segundo FAHLBUSCH (1990) em: pantomímica ou expressiva; abstrata ou musical onde não existe um tema; em concreta onde existe um tema e a experimental, onde o centro é o movimento da vida, o gesto utilitário. Ela também divide-se em: expressão contemporânea que reflete o período no qual foi criado e a expressão moderna que propicia as intenções do coreógrafo, seja qual for o período.

Temos dentro da dança moderna várias correntes como o realismo (reprodução dos fatos reais), expressionismo (emoção da realidade), impressionismo (impressões que o artista tem da realidade), cubismo (baseada em figuras geométricas), surrealismo (não a ligação tempo/espaço, é o ilógico).

Para FAHLBUSCH (1990) a dança moderna requer do indivíduo o aprimoramento e o desenvolvimento das habilidades físicas e não apenas seu caráter interpretativo e como diz LABAN (1990) “durante os anos escolares as crianças de nosso tempo não aprendem a apreciar o movimento, apenas sabem o quanto de sua felicidade futura depende de sua vida de movimento intenso”.

É deste pensamento que podemos começar a pensar a real utilização da dança dentro do período de educação, para que no futuro não nos tornemos uma humanidade cada vez mais vaga e vazia de sentimentos e parâmetros. Quando enfrenta-se um final de século devastada por guerras, violência, pela ruína econômica, pela AIDS, pelas drogas, a dança parece ressurgir como um porto seguro para a auto preservação da humanidade.

V - A CRIATIVIDADE DE NOVAS FORMAS

O tempo passa e novas formas de pensar surgem, novas ações. São as adaptações que ocorrem a partir dos novos valores culturais que cada povo concretiza. Foram as reformulações que aperfeiçoaram a dança do homem deste século XX.

Pode-se observar estas mudanças pela dança do período, como exemplo temos o minuete em contraste com o charleston. O minuete era gracioso, fino, todo galanteiro, lembra os tempos das anquinhas, dos cabelos postiços, da riqueza; já o charleston é uma dança solta, indisciplinada, rótulo de um período da agito que surgiu após a I Guerra Mundial, onde homens e mulheres tinham papéis diferentes dentro da sociedade. Estes dois estilos de dança tem a mesma origem as danças de corte, ficando o charleston com a denominação de dança de salão.

A dança de salão esta em voga novamente, o prazer é o principal motivo para sua procura associado ao poder de sociabilização. Segundo VOLP (1995) “ é uma atividade onde se dança aos pares estabelecendo algum contato entre si”... “na dança de salão são utilizadas estruturas de passos variados que desenham o espaço”. Como comenta é uma atividade típica de reuniões sociais, que pode ser dançada com técnica ou não. Dentre os vários ritmos de música que envolvem a dança de salão, destacam-se o bolero, o tango, o samba, a valsa, o swing e o rock and roll.

O bolero tem origem hispânica, é um ritmo lento e acolhedor, para ser dançado à dois, segundo GIFFONI (1974) sua origem é cubana. Com relação ao tango a mesma autora comenta: “ seu nome africano lava a supor ter sido introduzido na América espanhola por escravos, onde lhe foram anexadas características hispânicas”, principalmente

na Argentina. É uma dança complexa que requer um bom entrosamento entre o par, é muito utilizado em apresentações artísticas, principalmente na Argentina.

A maior contribuição brasileira para com a dança de salão é o samba, de origem negra, para GIFFONI (1974) o samba “desceu do morro e penetrou nos salões, começou a tomar forma urbana em 1917.” O Carnaval brasileiro, símbolo do samba, era originalmente uma festa religiosa que precedia quarenta dias da quaresma, atualmente o carnaval perdeu sua conotação religiosa, salões e ruas enchem-se para a população divertir-se e dançar.

Outro estilo que é visto em quase todas as festas sociais é a valsa, presente entre nós desde a corte. Como comenta GIFFONI (1974) “de origem alemã segundo uns ou de procedência francesa de acordo com outros, entrou no Brasil em 1830”. É dançada à dois, muito elegante e de fácil aprendizado.

O swing, ritmo contagiante de origem americana, surgiu após a II Grande Guerra, cantores brasileiros como Lulu Santos e Robertos Carlos proporcionam músicas para se dançar o swing. O rock and roll é outro estilo pós guerra, com movimentos amplos e soltos, tem fácil aceitação entre os jovens, sua origem é americana, tendo, surgido nos anos 50 em meio a Elvis Presley. Todos estes ritmops musicais levaram a criação de movimentos corporais característicos e que hoje resumem o comportamento da época.

A dança de salão surgiu com a finalidade de diversão, das necessidades e anseios das pessoas, fossem elas ricas ou pobres, instruídas ou não. Segundo KURATH citado por PORTINARI (1989) “as danças de salão nada mais seriam do que a forma civilizada de simbolizar o ato sexual, descendendo praticamente todas de manifestações rústicas”.

Outro estilo de dança que surgiu, mas não nos salões de dança foi o sapateado, uma mistura da cultura africana e europeia. Para MASSON (1988) “no início do século XIX, ela foi conhecida sob o nome de ministrel e baseada na simples execução de sons produzidos pelas pontas e calcanhares dos pés.” É uma dança forte, que exige grande coordenação motora, principalmente dos membros inferiores. Segundo MASSON (1988) o sapateado possui um segredo que é a capacidade de transferir o peso do corpo de um pé para o outro com facilidade e rapidez. Fred Astaire, sapateador autodidata e Gene Kelly foram astros americanos, protagonistas de inúmeros filmes musicais e grandes divulgadores do sapateado. Foi a partir dos anos 30, em meio a depressão econômica que este gênero aflorou e se mantém até hoje.

As danças típicas ou folclóricas desenvolveram-se a partir do homem do campo. Elas marcam e divulgam a cultura popular, marcada pelas tradições, lendas, costumes, valores e transformações de cada povo no qual se desenvolve. Como diz OSSONA (1988) as “danças folclóricas propriamente ditas, têm sua origem em cerimônias de ritos tradicionais pertencentes a um estrato popular”. Normalmente estas danças são criadas através de polcas, valsas, quadrilhas, com formações em círculo, linhas, em duplas, em grupos...Tudo influenciado pela situação climática, social e econômica de uma determinada região. Para PORTINARI (1989) “a dança folclórica é aquela produzida espontaneamente numa comunidade de laços culturais comuns, resultantes de um longo convívio e troca de experiências. Carências e necessidades podem motivar danças.”

O Jazz é outro estilo de dança proveniente da África negra. Segundo EMERY citado por MORATO (1986)

Uma das formas utilizadas para capturar os negros era a de convidá-los a dançar nos navios e quando estes, depois de horas de exercício, se davam conta, já estavam em alto-mar. Esta é a origem da dança Jazz, desenvolvida paralelamente à música Jazz, através da miscigenação afro-européia no solo americano.

Depois de escravizado, o negro não tinha como manter seus hábitos culturais, era proibido, mesmo assim, conseguiam desenvolver danças, isto possibilitava a libertação de suas angustias, medos e aspirações. Outro fato interessante e citado por MORATO (1986) é que na hora de sua venda o negro era obrigado a dançar, para mostrar saúde e suas habilidades, os que dançavam melhor eram economicamente mais lucrativos. Segundo a mesma autora, a proibição de se tocar tambores, ocorrida em 1740, teve como objetivo evitar a insurreição negra. A partir daí, o negro passou a improvisar ritmos e sons, que se baseavam principalmente em palmas, no sapateado e no banjo.

Na década de 20, a dança teve como primeira manifestação do jazz o charleston, vindo então a atingir os palcos da Broadway em New York, profissionalizando e oficializando o estilo. A comédia musical que surgiria era o segundo nome dado ao jazz.

Com o decorrer dos anos, os movimentos foram se aperfeiçoando até que nos anos 40, época da II Guerra Mundial, o jazz alcançou sua maior popularidade, como escreve URZUA (1984) nas igrejas, os coros cantam spirituals e dançam transportando o mesmo significado corporal e cultural que os cantos e danças africanos. Foi por meio do swing e dos musicais da Broadway que o jazz alcançou popularidade. A dança Jazz engloba a comédia musical, a discoteca, a dança primitiva, o estilo afro-cubano... O Jazz segundo FORTUNATO citado por MORATO (1986) “é considerada uma forma artística versátil e acessível até aos não treinados, pois não requer público selecionado.” Todos aqueles que dançam em discotecas, cada qual de sua maneira, esta dançando jazz.

Todos estes estilos tem o corpo como instrumento e a mente como guia, cada qual com suas características, seja como for, a dança atual está servindo como cano de escape para as frustrações, tensões, incertezas da vida moderna e para fortificar ainda mais a comunicação do homem, para mostrar quais são suas perspectivas em relação a vida e ao próximo, algo para qual a Educação Física também tem servido.

Atualmente a dança vem sendo desenvolvida em inúmeros centros do mundo. Em 1948 surgiu em New York, o New York City Ballet, uma das melhores companhias do mundo e que ajuda na divulgação da dança, juntamente com o American Ballet Theatre, que hoje é dirigido por Baryshnikov, grande bailarino russo.

Na Europa destacam-se o Ballet da Ópera de Paris, o Bejart Ballet Lausanne de Maurice Bejart, o Royal Ballet de Londres, os balés russos Kirov e Bolshoi e muitos outros que são os grandes enraizadores da dança em seus países e no mundo.

Cuba, apesar do regime político socialista, fundou em 1948 o Ballet Nacional de Cuba, por iniciativa de Alicia Alonso, conseguindo até hoje manter-se e destacar-se internacionalmente, sendo orgulho nacional.

No Brasil, temos o Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e o de São Paulo, bem como companhias como o Ballet Stagium de São Paulo, o grupo Corpo de Minas Gerais e o grupo comandado pela bailarina Débora Kolker, que leva o nome da bailarina, com um estilo acrobático, de movimentos fortes, que mostram a cara da dança no país.

Estes são grupos profissionais, que possuem algum apoio econômico, mas existem inúmeros grupos sem apoio que tentam sobreviver a crise econômica, talvez se a população se conscientiza-se da presença da dança em suas vidas, estes grupos e muitos

outros despontariam para o mundo e um maior contingente de pessoas teriam a oportunidade de conviver com o mundo da dança.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como base, o levantamento bibliográfico da dança, desde os tempos primitivos até o século XX, detectando origem, diferentes formas e objetivos, mostrando o contexto social e humano presentes em cada período, bem como sua relação com a Educação Física.

CONCLUSÃO

Desde o início do século, novas formas da dança surgiram na tentativa de restabelecer as relações do homem com a natureza e com seu próprio corpo. Tornando-se a dança um excelente campo para trocas e descobrimentos.

Infelizmente, o ensino da dança geralmente só visa o movimento técnico, esquecendo-se que a mesma pode ser percebida como um elemento cultural de um povo e que reflete aspectos sociais, físicos e políticos de uma nação.

Como foi mostrado no decorrer desta pesquisa, a dança não foi criada para a perfeição técnica e sim para o prazer, para a comunicação, para o desenvolvimento de idéias, estimulando a criatividade e o enriquecimento do acervo motor.

Segundo CLARO (1995) a dança é a “descoberta de estados lúdicos que estão enraizados dentro de nós e que são libertados através do movimento”. E o que é a Educação Física ? O que ela investiga ? Não seriam os movimentos humanos em todas as suas formas de expressão? Sim, mas, os professores e Educação Física passaram a aplicar somente o ensino desportivo na sua prática docente, que não satisfaz por completo a educação pelo movimento, ficando assim, as atividades rítmicas como a dança relegadas a segundo plano.

Constata-se nesta pesquisa, que a dança é, foi e será uma forma repleta de valores e aspectos educativos. GIFFONI (1973) explica que “além de conseguir-se por ela o aperfeiçoamento das qualidades físicas e funções correlatas, obtém-se pela dança o desenvolvimento de atributos sociais e morais”. Colaborando fisicamente com as funções vitais do organismo como os aparelhos circulatório, respiratório, muscular, além de desenvolver a agilidade, flexibilidade, coordenação motora, possibilitando com estas

funções um melhor domínio corporal. A atenção, a memória, a capacidade de raciocínio também são evidenciadas na dança, bem como, nos oferece ainda noções de história, geografia, folclore, sociologia, anatomia...

A dançar por todos estes fatores e outros mais, têm a capacidade de restaurar o equilíbrio emocional de uma pessoa, dando vazão as tensões criadas pelo cotidiano da vida moderna. Então, por que não trabalhá-la e revivê-la na escola ou na comunidade?

Para MIRANDA (1991) o problema da dança frente o profissional de Educação Física é que este possui preconceitos, lhe falta uma formação mais aprofundada sobre a dança no decorrer de sua graduação, além de não conseguir definir o objetivo da dança na Educação Física, principalmente por falta de pesquisa nesta área.

São obstáculos criados e que não tem justificativa plausível para existir, se for levada em consideração a história da dança e sua contribuição. São poucos os profissionais que desvinculam-se destes estereótipos, como por exemplo, Edson CLARO (1995) que através de muita pesquisa, desenvolveu o método Dança -Educação Física, que é a inclusão da dança como aspecto educador, levando-se em consideração a história, a anatomia e a filosofia. Um outro exemplo é de um grupo formado na Inglaterra, chamado “The Royal Academy of Dancing”, que ocupava-se especialmente em estudar uma maneira pela qual se pudesse ensinar dança as crianças em idade escolar, enfatizando a interpretação musical e a pantomima, bem como a história e a geografia, situando as danças e os movimentos (MASSON, 1988).

Destes exemplos, pode-se concordar com NANNI (1995) que diz: “Cabe ao professor de Educação Física aprofundar seus conhecimentos e habilidades técnico-científico, cultural, artístico em dança, aprimorando cada vez mais seus atributos e valores

como educador”. Algo simples e óbvio, mas que na prática não se efetua pelo preconceito, pela preguiça e pela desinformação.

Perceber o corpo, experimentá-lo, bem como movê-lo são preceitos básicos da dança e da Educação Física, é só saber e querer usufruir deles.

Conforme CUNHA (1992) “A fonte da educação corporal reside no movimento coordenado, preciso e funcional. Um melhor controle corporal, através do movimento da dança, constitui-se num dos principais objetivos de sua prática”. E um professor de Educação Física, já possuindo conhecimentos de fisiologia, psicologia, anatomia, didática, ritmo e música recebidos durante sua graduação, pode e tem meios para elaborar estudos na área da dança, com isso, talvez tenha-se professores e alunos mais integrados, mais sensibilizados e atentos ao mundo que os rodeia.

LABAN (1990) resume brilhantemente a idéia geral desta pesquisa ao dizer: “Os vestígios da histórica arte da dança oferecem base adequada para que se possa elaborar o novo ensino da dança na escola, ou, em nossa complexa civilização moderna. E, necessitamos de um novo enfoque do problema? A resposta está em olharmos à nossa volta e compararmos as condições de vida no nosso tempo, com aquelas que imperavam na época em que se originaram as formas tradicionais de dança”.

Nunca esquecendo que a natureza humana pede e clama pela dança, seja qual for o país, a língua, os costumes e a população em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Fernando de. **A cidade e o campo na civilização industrial**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 196[?].
- BOUCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes Ltda, 1987.
- CANTON, Kátia. **E o príncipe dançou...o conto de fadas, da tradição oral à Dança Contemporânea**. Trad. Cláudia Sant'ana Martins. São Paulo: Ática, 1994.
- CLARO, Edson. **Método Dança-Educação Física**. São Paulo: Robe Editorial, 199
- CORREIO DA UNESCO. Março, 1996, ano 24, número 3.
- COSTA, Mario. **Danças e Dançarinos de Lisboa**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1962.
- CUNHA, Morgada. **Dance Aprendendo - Aprenda Dançando**. 2ªed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1992.
- DANTAS, Mônica Fagundes. **Toda mudança desse dia...uma dança. Uma abordagem histórica da dança artística**. Anais do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, p 105-115, 1994.
- FAHLBUSCH, Hannelore. **Dança Moderna-Contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. 6ªed. Trad. Glória Mariane e Antônio Guimarães Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GIFFONI, Maria Amália Côrrea. **Danças Folclóricas Brasileiras e suas Aplicações Educativas**. 3ªed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- GIFFONI, Maria Amália Côrrea. **Danças de Corte**. São Paulo: MEC-Abril Ltda, 1974.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Trad. Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- LABAN, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. Trad. Maria Conceição Parahyba Campos. São Paulo: Ícone Editora, 1990.
- LOUIS, Murray. **Dentro da Dança**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

- MASSON, Suzanne. **Psicomotricidade. Reeducação e Terapia Dinâmica.** Trad. Erandy Lopes. São Paulo: Manole Ltda, 1988.
- MENDES, Mirian Garcia. **A Dança.** 2ºed. São Paulo: Ática, 1987.
- MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. **A dança como conteúdo específico nos cursos de Educação Física e como área de estudo no ensino superior.** São Paulo: USP, 1991.
- MORATO, Mari Eugênia Penha. **Ginástica-Jazz. A dança na Educação Física.** São Paulo: Manole, 1986.
- NANNI, D. **Dança Educação-princípios, métodos e técnicas.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- OSSONA, Paulina. **A Educação pela Dança.** São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- PORTINARI, Maribel. **História da Dança.** 2ºed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte. Do primitivo aos nossos dias.** São Paulo, 1988.
- SORELL, Walter. **The Dance Has Many Faces.** 3ºed. Chicago: A Cappella Books, 1992.
- URZUA, Berta. **Jazz-Dance su origem y su história.** Revista Educacion Fisica Chile. Academia Superior de Ciências Pedagógicas de Santiago- Diciembre, número 203, 1984.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de trabalhos.** 5ºed. Curitiba: Ed. Da UFPR, volume 2 e 8, 1997.
- VOLP, Catia Mary; DEUTSCH, Silvia; SCHWARTZ, Gisele M. **Por que dançar? Um estudo comparativo.** Revista Motriz, volume 1, número 1, junho 1995.
- ZOTOVICI, Sandra Aparecida. **Elementos sobre história da dança: em torno de Roger Garaudy.** Anais do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. p 337-344, 1995.